

"HELP, uma mulher
Belem?"

ENTREVISTA



- "Crônica feminista" n.º 1477
- entrevista com a escritora
na Colômbia Guerra

14 de março 1985

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

Fundação **PRIMEIRO MINISTRO** Cuidar o Futuro



MARIA DE LURDES PINTA SSTILGO

— Pela primeira vez, na história da República Portuguesa, uma mulher se encontra em lugar de privilégio para ensinar as funções do Círculo do Estado. Chama-se Maria de Lourdes Pintasilgo e este privilégio em vantagem, em todas as sondagens à opinião pública, sobre quem será o sucessor em Belém de General Ramalho Eanes, a «Crónica Feminina» que eu vi-la, não sobre as questões políticas, sem dúvida importantes, mas sobre si própria. Saber o que pensa sobre quem a tem que o tem respeito a todos nós, mulheres, também.

**HELENA S. DE SÁ
Folus: J. ANTUNES**

Gosta-se dela como se gosta de flores, assim, de repente. Primeiro, pela intuição de que estamos diante de uma mulher inteligente, firme e capaz de grandes sacrifícios pelos outros. Há nela uma capacidade de dívida, de entrega, servida por uma inteligência aguda e uma vontade educada. Depois, porque nos fala com a simplicidade de quem não precisa esconder-se atrás das palavras rebuzadas, porque não tem nada a esconder. É simples e directa, mesmo quando se lhe pergunta sobre a sua vida privada. E foi por aí que começámos.

— Porque não casou?

— Vendo as coisas de longe, como foi porque, desde muito cedo, me vi envolvida em muitas tarefas e ações que me preenchiam. A certa altura, deixei-me contar de que todo o meu espaço de relações estava abrangido pelos numerosos círculos em que trabalhava. Não havia tempo para casar, e, nessa altura, chamava o serviço dos outros e eu, se quiser, um certo sacrifício pelos outros... Acto que tanto que o dizer, porque o senti, a dada altura da minha vida: havia em mim satisfação, uma grande felicidade, em realizar esse serviço pelos outros.

— E viu-se, como que a esconder sob o riso esta qualidade de dar e de obter, só com isso, a satisfação interior. Mas não chegava:

— Quer dizer que dispor-

se, por muitos e que cada um deles de hábito?

— Sem dúvida. Não é por uma qualquer face ou culpa. Pelo contrário, é um alargamento da minha esfera afectiva, pelo menos ao meu espírito. Talvez porque tenha em pessoa de temperamento, equilibrado. Se me concentrava apenas no quadro familiar — para mim importantíssimo, também, sem dúvida —, isso ia obscurecer-me por completo. Em mim, esse afecto exclusivo, preferencial, o amor por pessoas, pelos filhos, foi canalizado em muito maior amplitude.

— E chega?

— A satisfação que vem daí? Só lhe posso dizer que sou um ser feliz. Não vi a vida e não a vi como uma tarefa, ou uma tarefa, mas com muita felicidade. Com momentos altos e com momentos difíceis, como acontece em todas as vidas.

— Maria de Lourdes Pintasilgo está à vontade e também nos deixou à vontade. Não parece aquela mulher «terrível», capaz de fulminar os adversários com uma frase caustica, como aconteceu no «Governo dos 100 Dias». É uma mulher quem nos fala simplesmente.

— Porque, sobretudo, que existe um paralelo entre as mulheres e os filhos? Em determinado momento, as mulheres casadas acompanham os filhos e as netas, como é o meu caso, acompanharam algumas gerações de gente nova. Depois, umas a outras vêm essas pessoas seguir-nos, em plena liberdade, os seus próprios caminhos. Assim, tanto umas como outras são obrigadas a viver o grande momento do desapego. A experiência que tenho, sobretudo nos últimos dez anos, é a experiência que têm as minhas amigas, da minha geração, que casaram e tiveram filhos. É a experiência de deixar a gente seguir o seu próprio caminho. E isso, por vezes, é difícil...

— Quer dizer que se tivesse uma família sua, para a qual vivesse exclusivamente, a ela se limitaria a sua capacidade de dar amor?

— Pelo que sei de mim, do meu temperamento, penso que sim. Sei que há algumas de nós capazes de agir de outra forma mas, comigo, as coisas passam-se deste modo. Creio que, sobretudo nos últimos anos, tem havido uma

O Papel da Mulher em Portugal, é realmente insubstituível e decisivo...

certa confusão a propósito do conceito «libertação da Mulher». Vê-se, com facilidade, mulheres quebrando os seus laços com os filhos, para satisfazerem a sua própria ânsia de liberdade. Ora, parece-me que o único laço que permanece indissolúvel é, na verdade, o laço da Mãe

com os filhos que trouxe no ventre. Penso que não tem sido suficientemente sublinhado que essa relação — e viu utilizar uma expressão que é muito «tradicional» — exige uma fidelidade ao mais alto grau.

É nítido que Maria de Lourdes Pintasilgo está embalada num tema que



MARIA DE LURDES PINTASSILGO

lho é muito caro e sobre o qual tem exercido a sua capacidade de reflexão.

«Creio ser de sublinhar, de acentuar — prosseguo, com uma voz calma e convicta —, que a relação mãe-filho é privilegiada e é tanto mais importante para o filho — para a filha, para os filhos... — como para a mãe. Se quiser, há uma redescoberta, que julgo terá de se fazer, do verdadeiro papel da Mãe nos nossos tempos».

— Mas como? Hoje as relações de família foram quebradas e sobretudo pela entrada da Mulher no mundo do trabalho...

— Talvez através da preparação, penso eu, das mulheres jovens para a sua situação de mães, efectivas ou em potência. Com toda a liberdade hoje existente no domínio das relações sexuais, continua-se, por estranho que pareça, a demonstrar uma enorme ignorância quanto à forma como se desenvolve um ser humano. O problema não é específico da Mulher portuguesa... Parece-me indispensável que as mães de hoje aprendam de verdade, descubram, que o laço mais profundo que estrutura a vida humana — e estrutura-a definitivamente! —, é o laço entre a criança e a mãe, até aos cinco anos de idade, sobretudo. Depois dos cinco anos, o que vai passar-se na vida dessa pessoa não é, muitas ve-



Parece-me que o único laço que permanece indestrutível é o laço de Mãe com os filhos que trouxe no ventre.

za, senão o ecoar dessa primeira infância, embora sob outras formas. Não estou a falar daquilo a que se chama «dar educação aos filhos»... É no sentido da relação afectiva.

CRECHES E MULHERES QUE TRABALHAM

Para a nossa interlocutora, a solução encontrada para as mães que trabalham — entregar as crianças a creches, desde a mais tenra idade —, está errada e assim o demonstra a experiência dos países onde foi posta em prática há mais tempo.

A maior parte das mulheres que trabalham não interrompem, hoje, a sua vida de trabalho por mais de três meses, segundo a lei portuguesa. São os três meses de «licença por ma-

ternidade» que — e nem sempre isso tem sido tornado claro —, não se destinam apenas à recuperação da mãe, afinal um parto não é uma doença, mas de um tempo em que a criança pode beneficiar do contacto físico, permanente e constante, da mãe; um contacto de pele a pele, de corpo a corpo. A partir dos três meses, na maioria dos casos, a mulher tem que voltar ao seu trabalho. Se não há uma avó, uma amiga, uma vizinha, que tome conta do bebé, coloca a criança numa creche. Ora, hoje é um dado praticamente adquirido que, em cada manhã em que a criança — tenha quatro, ou dez, ou dezoito meses —, é arrancada dos braços da mãe, vive uma morte antecipada.

— Então, como resolver?

— As creches são necessárias, como um mal menor. Mas talvez a solução mais adequada esteja no que se faz já em alguns países: uma licença de maternidade mais longa, que será de um ano. E há outras soluções, como a de uma mãe abrir a sua casa e mais duas ou três crianças e tratar do seu bebé e desses outros, por dois ou três anos. O processo está a ser tentado em países que já experimentaram, há muito a solução das creches e chegaram à conclusão de que a criança precisa, mas precisa mesmo, de uma permanência da figura que substitui a mãe, se não puder ter a mãe junto dela. Falo a partir da experiência dos países escandinavos, que possuem creches há mais tempo e estão em condições de analisar as consequências. Nas creches, geralmente, acontece terem pessoal muito jovem e com grande rotatividade. Assim, a criança, durante a primeira infância passa pelas mãos

de uma série de «mães», o que dificulta ao seu inconsciente o processo de identificação que tem que realizar para ser alguém. Ser-se alguém não é aprender depressa as letras na escola — é poder-se estar estruturado, desde o início, numa segurança afectiva muito grande.

«É está a ver sonda nos levou a conversa?», pergunta a Eng. Lourdes Pintassilgo, candidata quase certa à Presidência da República e com um conhecimento tão grande do Mundo e dos outros como de si própria. Regressou, agora, de uma reunião de trinta ex-chefes de Governo, em Espanha, onde se debateu um tema tão espinhoso como o da Dívida Pública dos países ditos «em vias de desenvolvimento».

O REGRESSO À SABEDORIA ANTIGA

— Temos vivido, nestes últimos anos, sob o signo da



Aqui para nós também vejo as telenovelas, sempre que posso.

Técnica e do progresso científico voltado, sobretudo, para o domínio do Material. Acha que chegou o momento de se recuperar o Espírito? pergunta-se-lhe, mudando de tema.

— Não tenho dúvidas! Enquanto técnica, o facto de ser engenheira aqui pesa muito... tenho a noção dos limites da própria Técnica. Por um lado, das suas enormes capacidades, por outro, a noção clara de que a Técnica, hoje, ultrapassou o Homem. Estamos a ser condicionados por meios técnicos em tudo, mas tudo, quanto fazemos. Cada passo que damos tem a ver com uma organização técnica da nossa vida — até o atravessar de uma rua apenas quando um sinal estiver verde... O Homem criou meios técnicos que o estão a controlar.

«A maneira de fazermos frente a esta realidade, que nos aparece, também, como uma ameaça — a ameaça nuclear, que não pode ser escamoteada —, a única forma de nos erguermos, como seres humanos, é fazendo apelo ao que, em nós, é fundamental: o Espírito. Quando digo Espírito, não me subordino a qualquer idealismo, fora da realidade, sou muito concreta: não podemos, agora, dominar a Técnica se não tivermos o «conhece-te a ti mesmo», o que representa, de certa forma, o regresso à Sabedoria socrática.

«Podemos conhecer as máquinas e, assim, repetir-mos o que as máquinas fa-





... e, portanto, não há
... e, portanto, não há
... e, portanto, não há

... e, portanto, não há
... e, portanto, não há
... e, portanto, não há

... e, portanto, não há
... e, portanto, não há
... e, portanto, não há

REORGANIZAR A VIDA DE TRÁBALHO

... e, portanto, não há
... e, portanto, não há
... e, portanto, não há

A sociedade actual
... e, portanto, não há
... e, portanto, não há
... e, portanto, não há



... e, portanto, não há
... e, portanto, não há
... e, portanto, não há

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

... e, portanto, não há
... e, portanto, não há
... e, portanto, não há

... e, portanto, não há
... e, portanto, não há
... e, portanto, não há

... e, portanto, não há
... e, portanto, não há
... e, portanto, não há

... e, portanto, não há
... e, portanto, não há
... e, portanto, não há



... e, portanto, não há
... e, portanto, não há
... e, portanto, não há

... e, portanto, não há
... e, portanto, não há
... e, portanto, não há

... e, portanto, não há
... e, portanto, não há
... e, portanto, não há

... e, portanto, não há
... e, portanto, não há
... e, portanto, não há

... e, portanto, não há
... e, portanto, não há
... e, portanto, não há

... e, portanto, não há
... e, portanto, não há
... e, portanto, não há

... e, portanto, não há
... e, portanto, não há
... e, portanto, não há

... e, portanto, não há
... e, portanto, não há
... e, portanto, não há

... e, portanto, não há
... e, portanto, não há
... e, portanto, não há

... e, portanto, não há
... e, portanto, não há
... e, portanto, não há

Fundação Cuidar o Futuro